

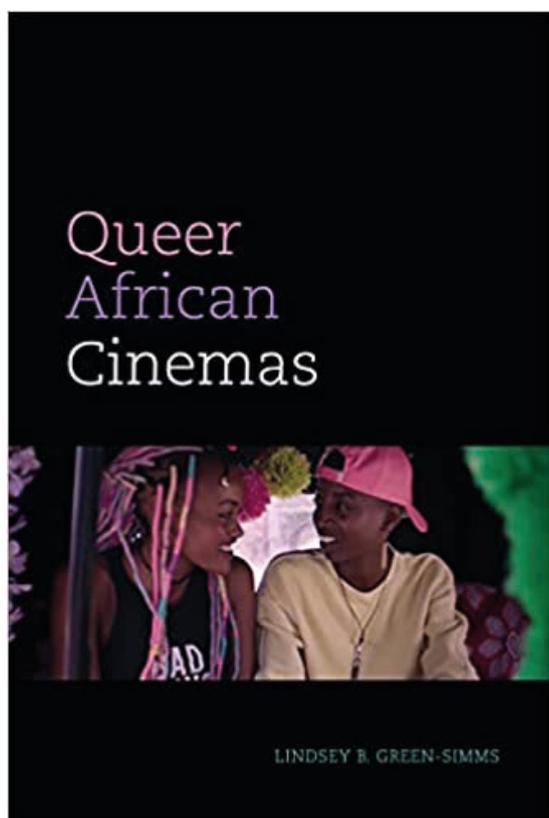


## Esperança e resistência *queer* nos cinemas africanos em *Queer African Cinemas* (2022)

### *Queer hope and resistance in African cinemas at Queer African Cinemas* (2022)

GREEN-SIMMS, Lindsey B., *Queer African Cinemas* (2022)

Everaldo Asevedo Mattos<sup>1</sup>



No universo de estudos sobre os cinemas produzidos em África, em que pese se encontrarem muitos artigos publicados examinando a importância de filmes pontuais, parece ainda haver poucos livros lançados que contribuam com análises mais panorâmicas sobre temas relacionados ao cinema *queer* africano, seus principais expoentes e as dificuldades enfrentadas por realizadoras e realizadores para verem chegar às telas obras que deem protagonismo a personagens africanos LGBTQIAP+, em flagrante enfrentamento à heterossexualidade compulsória e à criminalização da homossexualidade que ainda impera em muitos países do continente. É como uma opção para preencher essa lacuna literária que surge o livro *Queer African Cinemas* (2022), de Lindsey B. Green-Simms.

**1.** Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, onde defendeu dissertação intitulada “Sexualidade e heroísmo no cinema gay de Karim Ainouz: as jornadas dos protagonistas de *Madame Satã* e *Praia do Futuro*” e atualmente desenvolve pesquisa de doutorado intitulada “Cinema gay brasileiro do século XXI: imagens, (cosmo)políticas e (cosmo)poéticas de sexualidades (des)colonizadas”. E-mail: everaldoasevedo@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-2886-1753>

Graduada pela University of Michigan, com doutorado em Literatura Comparada pela University of Minnesota e atualmente professora vinculada ao Departamento de Literatura da American University, localizada em Washington, D.C., Green-Simms sempre desenvolveu uma carreira como pesquisadora focada nos estudos sobre a literatura e o cinema do Sul Global, com ênfase na produção cultural africana, em particular. Seu primeiro livro, intitulado *Postcolonial Automobility: Cars Cultural in West Africa* (2017), examinava como as contradições da globalização, da modernidade e da cultura do consumo estão incorporadas no automóvel como mercadoria, já manifestando este olhar a partir de um estudo voltado ao continente africano. *Queer African Cinemas*, seu livro mais recente, foi influenciado por seus estudos de pós-doutorado em *Women's Studies*, realizados na Duke University, em 2009 e 2010, e que acabaram por reverberar em um olhar mais panorâmico sobre o cinema queer produzido em África nas primeiras décadas do século XXI, que a autora buscou ressaltar em sua obra.

De modo a melhor abranger o universo dos cinemas *queer* africanos que pesquisou ao longo das inúmeras viagens que realizou ao continente durante a escrita de seu livro, Green-Simms optou por dividi-lo em seis partes, uma Introdução, quatro Capítulos e um Coda. Em sua Introdução, intitulada *Registering Resistance in Queer African Cinemas*, a partir, especialmente, da análise do segmento *Each Night I Dream* do filme queniano *Stories of Our Lives* (Jim Chuchu, 2014), a autora já busca delinear, em certa medida, o cerne de seu olhar sobre o cinema queer africano, qual seja, as formas barulhentas e silenciosas, públicas e privadas, esperançosas e medrosas de resistir à homofobia estrutural e sancionada pelo Estado que está no coração dos filmes *queer* realizados contemporaneamente em África. Além desta introdução ao panorama temático maior que pretende abordar ao longo de seu livro, Green-Simms, nesta seção inicial, também apresenta a forma com que realizará esta abordagem, que se concentra na escolha de algumas obras mais representativas e emblemáticas dos cinemas queer africanos e na análise imanente destes filmes, além do levantamento histórico de sua produção, recepção, distribuição (especialmente as dificuldades enfrentadas pelos produtores e realizadores para verem seus filmes chegarem às telas das próprias salas de exibição africanas) e participação em festivais e da contextualização acerca das lutas e do ativismo social anti-homofobia no continente. Com base nesta análise e levantamento mais abrangentes, a pesquisadora busca demonstrar e afirmar a relevância dos cinemas *queer* africanos para a representatividade, existência e resistência da população LGBTQIAP+ local, face às diferentes dificuldades encontradas em cada país onde os filmes analisados foram produzidos, compilando assim, também, um panorama da situação cultural, histórica e social do heteronacionalismo que impera em diversos países africanos.

Em paralelo, em sua Introdução, Green-Simms também aproveita para situar sua pesquisa no emergente campo dos estudos *queer* africanos, com todas as suas peculiaridades, traçando as bases teóricas de que se serve para delimitar o alcance dos termos *queer*, africano e cinemas que são o cerne de sua pesquisa e, por conseguinte, para propor o que constitui um cinema africano *queer*; adicionalmente, ainda nesta seção introdutória, a autora apresenta o que entende por fugitividade afro *queer* (*Afri-queer fugitivity*), conceito cuja formulação e extensão ela melhor desenvolve e demonstra a partir dos estudos e análises contidos nos capítulos subsequentes.

Uma vez fornecidos ao leitor, na Introdução, os fundamentos, objetivos, escopo e principais conceitos teórico-metodológicos norteadores de sua pesquisa, no primeiro capítulo de sua obra, intitulado *Making Waves: Queer Eccentricity and West African Wayward Women*, Green-Simms debruça-se sobre dois filmes queer realizados na África Oriental, *Karmen Gei* (Joseph Gai Ramaka, 2001) e *Jezebel* (Socrate Safo, 2007-2008), para discutir como o cinema queer africano pode criar aberturas para e destacar os limites da agência sexual feminina e do direito das mulheres a uma “errância intencional” (*willful errantry*), a partir, especialmente, do conceito de *waywardness* (rebeldia, desobediência) de Saidiya Hartman (2019). Partindo da análise destes filmes, portanto, a autora já propõe empiricamente a possibilidade de enxergar o potencial dos cinemas *queer* africanos como instrumentos para romper com o *status quo* com base numa incontida insurreição, gerando ondas que podem sinalizar um possível devir para a comunidade LGBTQIAP+ africana.

No segundo capítulo, *Touching Nollywood: From Negation to Negotiation in Queer Nigerian Cinema*, como o próprio título informa, Green-Simms volta-se para o cinema *queer* produzido na Nigéria, optando por realizar um levantamento mais histórico dos filmes *queer* oriundos do cinema nigeriano ao longo do século XXI, por constatar que, apesar de Nollywood fornecer o maior número de produções que abordam personagens LGBTQIAP+ e relações homoafetivas no continente africano, muito pouco foi escrito sobre estas obras. Fundada, assim, na análise histórica realizada, a autora busca traçar, com base nas propostas e olhares e conceitos dos estudos queer africanos, o que ela enxerga como um panorama da transformação da forma com que a representação e representatividade de personagens e relações *queer* foi ocorrendo ao longo do tempo no cinema nigeriano, partindo de um discurso em certa medida negacionista e de medo, que acabava por refletir e corroborar o *Same Sex Marriage Prohibition Act* (SSMPA) editado em 2014, até se chegar ao momento mais contemporâneo, em que o ativismo queer local passou a servir-se das estéticas e convenções de Nollywood para iniciar um processo de negociação e confronto da moralidade da homofobia local a partir do cinema.

No terceiro capítulo, intitulado *Cutting Masculinities: Post-apartheid South African Cinema*, Green-Simms migra para a África do Sul e seu enfoque no cinema *queer* voltado a analisar o desejo masculino *queer*, como se verifica nos filmes *Skoonheid* (Oliver Hermanus, 2011), *Inxeba* (John Trengove, 2017) e *Kanarie* (Christiaan Olwagen, 2018), escolhidos pela pesquisadora para ilustrar seus estudos. Em que pese a África do Sul ser mais progressiva que a maioria dos países africanos e ter, inclusive, legalizado o casamento entre pessoas do mesmo sexo desde 2006, Green-Simms ressalta que a homofobia ainda persiste em seu território, bem como as estruturas coloniais e patriarcais que a criaram. Neste contexto, a partir da análise das três obras retro referidas, a autora busca destacar as complexas intersecções entre homofobia, raça, masculinidade e classe no país, buscando argumentar, por fim, que o cinema queer sul-africano surge, em suas múltiplas formas, como um instrumento de corte das imposições inerentes à moralidade homofóbica vigente, simultaneamente rompendo com e estando contidas pelas estruturas de gênero e raça locais hegemônicas.

No quarto e último capítulo de seu livro, intitulado *Holding Space, Saving Joy: Queer Love and Critical Resilience in East Africa*, ainda que enfoque sua análise em duas produções quenianas, o vídeo musical *Same Love* (Remix), de Art Attack, e o filme *Rafiki* (Wanuri

Kahiu, 2018), Green-Simms, ao contrário do que realizou nos capítulos anteriores, tenta estender seus estudos para além da filmografia concentrada de um país, buscando, a partir dessas duas obras, refletir sobre as complexidades da existência queer em países como o Quênia, onde a arte *queer* é censurada, e Uganda, onde meras reuniões da comunidade LGBTQIAP+ são perseguidas e combatidas pela polícia. Em paralelo à situação de violência e subjugação enfrentada nesses países e pela produção cinematográfica local, a autora celebra os festivais de cinema *queer* realizados em Nairobi (capital do Quênia) e Kampala (capital de Uganda), como ambientes em que é possível o exercício de uma resiliência crítica, de modos de resistência e sobrevivência da comunidade LGBTQIAP+ a partir de sua simples existência, da simples realização de atividades mundanas e ocupação de espaços públicos que existe para além de uma atuação mais ativa e oposicionista à homofobia vigente nesses países, assim como na maioria do próprio continente africano. Com base na análise dessas obras audiovisuais e do universo desses festivais, Green-Simms busca, então, não somente traçar práticas cinematográficas *queer* existentes e resistentes nos países em questão, mas também o potencial e as aspirações críticas de resiliência que elas oferecem à luz do olhar combinado para o passado, o presente e os possíveis futuros da experiência *queer* na África.

É com esse olhar combinado para o passado, presente e possíveis futuros da experiência *queer* na África que Green-Simms finaliza seu livro, com o Coda intitulado *Queer African Cinema's Destiny*. Resgatando o filme guineano *Dakan* (Muhammad Camara, 1997), que ela considera um dos fundadores do cinema *queer* africano, a autora demonstra enxergar paralelos temáticos, históricos e culturais entre essa obra e *Rafiki*, objeto de sua análise mais detalhada no capítulo anterior, em que pesem os mais de vinte anos entre o lançamento de cada um desses longas-metragens. A partir dos paralelos vislumbrados, então, e de toda a construção analítica e teórica que realizou ao longo dos capítulos precedentes acerca dos diversos cinemas *queer* africanos, Green-Simms, ao final, propõe o que ela entende ser um destino comum suscitado pelo conjunto de filmes e vídeos *queer* realizados no continente:

“[...] ele registra as rotas de fuga imprevisíveis e fugidias para um tempo e lugar diferentes e, ao mesmo tempo, indica as várias maneiras pelas quais a construção do amor e da vida *queer* podem ser bloqueados ou danificados quando essas rotas de fuga são cortadas, quando a violência é realizada.” (GREEN-SIMMS, 2002, pp. 208-209, tradução nossa )

Com esse seu olhar panorâmico, analítico e histórico para os diversos temas, filmes e momentos de resistência significativos para a produção cinematográfica *queer* africana no século XXI e suas relações com o passado, presente e vislumbre de futuros possíveis para a existência e experiência *queer* nos diversos países do continente, Lindsey B. Green-Simms oferece, com seu *Queer African Cinemas*, um importante registro e resgate de filmografias marcadas por histórias de resiliência e enfrentamento da homofobia que ainda impera na África. Teoricamente, a autora também contribui para o campo dos estudos *queer* africanos, ao construir suas análises e servir-se, ao longo de sua escrita e pesquisa, de conceitos inerentes a este campo, como os de fugitividade afro *queer* (*Afri-queer fugitivity*), *waywardness* (rebeldia, desobediência), resiliência crítica, heteronacionalismo e diversos outros que surgem ao longo de suas páginas. Neste contexto, por toda sua abrangência teórico-analítica e representatividade, *Queer African Cinemas* torna-se uma

obra de leitura importante não somente para aqueles interessados em conhecer mais sobre os cinemas *queer* africanos, mas também para todos a quem a própria autora dedica seu livro, aqueles para quem o cinema queer africano é um salva-vidas.

## Referências

GREEN-SIMMS, Lindsey B. **Queer African Cinemas**. Durham: Duke University Press, 2022.

HARTMAN, Saidiya. **Wayward Lives, Beautiful Experiments**: Intimate Histories of Social Upheaval. New York: Norton, 2019.